



# Filologia e classicismo alemão: Nietzsche como leitor de Paul Graf Yorck von Wartenburg<sup>1</sup>

*Philology and German classicism: Nietzsche as a  
reader of Paul Graf Yorck von Wartenburg*

**Lucas Crescenzi**

Doutor em Filosofia, professor da Università di Pisa, Pisa - Itália, e-mail: l.crescenzi@ling.unipi.it

---

## **Resumo**

Pretende-se com este artigo analisar a relação entre filologia e classicismo alemão. Duas teses são aqui introduzidas para serem, em seguida, esclarecidas e justificadas: 1) Nietzsche tenta fornecer, no *Nascimento da tragédia*, uma contribuição filológica acerca da teoria estética do classicismo alemão;

---

<sup>1</sup> Tradução de Ernani Chaves, professor associado III da Faculdade de Filosofia da UFPA, Doutor em Filosofia (USP), com dois estágios de Pós-Doutorado na Alemanha, membro do GT Nietzsche da ANPOF, pesquisador bolsista do CNPq, autor de livros e inúmeros artigos sobre Nietzsche publicados no Brasil e no exterior. Belém, PA - Brasil. e-mail: erna.nic@hotmail.com

2) ele segue, nessa tentativa, uma tradição filológica, que lhe serve como fonte. Para tratar do assunto em questão, é analisada a herança de Paul Graf Yorck von Wartenburg e a influência que este teve para a obra de Nietzsche.

**Palavras-chave:** Filologia. Classicismo alemão. Teoria estética.

### ***Abstract***

*The aim of this article is to analyze the relation between philology and German classicism in the work of Nietzsche. Two theories are introduced here and are then clarified and justified: 1) Nietzsche attempts to provide, in The Birth of tragedy, a philological contribution concerning the aesthetic theory of the German classicism; 2) in this attempt, he follows a philological tradition, which he uses as a source. In order to approach this subject, the legacy of Paul Graf Yorck von Wartenburg and the influence he had on Nietzsche's work is taken into account.*

**Keywords:** *Philology. German classicism. Aesthetic Theory.*

---

## **Introdução**

Em seu detalhado comentário acerca dos capítulos de 1 a 12 do *Nascimento da tragédia*, Bárbara von Reibnitz (1992, p. 10) discute o caráter “pluridimensional” do primeiro escrito de Nietzsche:

ele quer, certamente, agradar antes de tudo aos não-filólogos, quer tornar a Antiguidade interessante para a comunidade schopenhauereana e para o círculo wagneriano. Este propósito se esclarece não apenas pelas inúmeras indicações, pelas citações dos principais escritos desses círculos, mas, sobretudo, também pela referência a alguns nomes, que poderiam ligar o leigo informado com os temas do *Nascimento da tragédia*. Nem Bernays, Welcker ou K. O. Muller são citados, mas sim Goethe, Schiller e A. W. Schlegel, assim como Shakespeare, naturalmente.

Dessa maneira, a estratégia fundamental de apresentação do *Nascimento da tragédia* é, sem dúvida, descrita corretamente. Mas parece que essa observação explica muito mais os resultados do que os pressupostos do estilo de Nietzsche, quando se quer ver na retomada da cultura do classicismo alemão e do primeiro romantismo apenas a forma exotérica de uma argumentação filológica, que se dirige para um público não formado filologicamente. O silêncio acerca das fontes “genuínas” do *Nascimento da tragédia* se esclarece, com isso, a partir de teoria da recepção, e à posição de Nietzsche como crítico da cultura é atribuído um lugar subordinado. Mas essa posição caracteriza, em grande medida, a estrutura do *Nascimento da tragédia* e não pode permanecer despercebida em uma discussão sobre o caráter filológico do escrito de Nietzsche.

Duas teses serão introduzidas aqui e em seguida deverão ser esclarecidas e justificadas: 1) Nietzsche tenta fornecer, no *Nascimento da tragédia*, uma contribuição filológica acerca da teoria estética do classicismo alemão; 2) ele segue, nessa tentativa, uma tradição filológica, que lhe serve como fonte.

## Nietzsche e a filologia

Já Willamowitz parece ter reconhecido em sua crítica ao *Nascimento da tragédia* a tendenciosa posição classicista do escrito de Nietzsche. Na primeira parte de sua *Filologia do futuro!* encontra-se a seguinte passagem:

evidentemente, Aristóteles e Lessing não entenderam o drama. O Sr. Nietzsche entendeu. Ao senhor Nietzsche ‘foi concedida uma visão tão estranha e singular do mundo helênico que toda a orgulhosa ciência dos nossos helenistas clássicos necessariamente lhe pareceria ter-se alimentado até agora <isto é, até o Sr. Nietzsche> só de jogos de sombras e de superficialidades’ [...] entre os ‘que se esforçaram ao máximo para aprender com os gregos’, em contraposição aos que ‘desconhecem a Antiguidade’, o senhor Nietzsche inclui além de Schiller e Goethe, apenas Winckelmann [...] Mesmo um otimista inteiramente ingênuo, deveria aqui esperar que Lessing fosse citado (WILLAMOWITZ-MÖLLENDORF, 2005, p. 57).

Essas observações polêmicas são elucidativas. O fato de que na obra de Nietzsche sobre a tragédia não apareça o nome de Lessing tanto quanto o necessário significa, para Willamowitz, um autêntico escândalo filológico. Se as anotações de Nietzsche, contemporâneas a esse período, também eram forçosamente desconhecidas de Willamowitz – e, com isso, ele não estava em condições de avaliar os traços que Lessing deixara no livro<sup>2</sup> – ele não poderia, pois, concluir que o *Nascimento da tragédia* postulava um classicismo que ultrapassava as perspectivas da estética iluminista.

O que Willamowitz de fato não mencionou é que a perspectiva de Nietzsche no contexto dos estudos filológicos, anteriores e contemporâneos a ele, não era nem injustificada, nem herética. Ela era muito mais o resultado de uma tradição crítica, de cuja extensão Nietzsche tomou consciência depois, na Basileia. Provavelmente, durante seus estudos universitários, Nietzsche já havia tomado conhecimento do importante estudo de Jacob Bernays, *As características fundamentais do tratado perdido de Aristóteles acerca dos efeitos da tragédia* (1857). E a partir dos livros tomados de empréstimo da Biblioteca Universitária da Basileia constata-se que Nietzsche, entre 1869 e 1871, emprestou não menos do que dez trabalhos sobre o mesmo tema,<sup>3</sup> entre estes também a dissertação de Paul Graf Yorck von Wartenburg, *A catarse de Aristóteles e o Édipo em Colono de Sófocles* (1860).<sup>4</sup>

<sup>2</sup> A este respeito, permito-me citar meu artigo “Nietzsche, August Wilhelm Schlegel und die Spuren Lessings. Die Exzerpte aus den Vorlesungen über dramatische Kunst und Literatur”. *Nietzsche-Studien*, n. 20, p. 385-392, 1991.

<sup>3</sup> Em 10/11/1869, Nietzsche emprestou da Biblioteca Universitária da Basileia o escrito de Jacob Bernays: Brief na Leonhard Spengel über die tragische Katharsis des Aristoteles. *Rheinisches Museum*, n. 14 p. 367-377, 1859. Segue-se então Eduard Muller: *Geschichte der Theorie des Kunst bei den Alten*, Breslau 1834-37 (24/11/1869); Adam Torstrick: “Zur Katharsis”. *Philologus*, n. 19, p. 581-582, 1863 (7/12/1869); Paul Graf von Wartenburg: *Die Katharsis des Aristoteles und der Oedipus Coloneus des Sophokles*, Berlin 1866 (4/5/1870); Leonhard Spengel: “Zur ‘tragischen Katharsis’ des Aristoteles”. *Rheinisches Museum*, n. 15, p. 458-462, 1860 (4/5/1870); Jacob Bernays: “Zur Aristotelischen Katharsis-Frage”. *Rheinisches Museum*, n. 15, p. 606-607, 1860 (4/5/1870); Gustav Teichmüller: *Aristotelische Forschungen*, Bd. 1: “Beiträge zur Erklärung der Poetik des Aristoteles”, Halle 1867 (12/5/1870); Jacob Bernays: *Die Grundzüge der verlorene Abhandlung de Aristoteles über Wirkung der Tragödie*, Breslau 1857 (9/5/1871); Joseph Hubert Reinkens: *Aristoteles über Kunst, besonders über Tragödie. Exegetische und kritische Untersuchungen*, Wien, 1870 (9/5/1871); Friedrich Überweg: “Die Lehre des Aristoteles von dem Wesen und Wirkung der Kunst”. *Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik*, N. F. 50 (1867), p. 16-39 (16/11/1871).

<sup>4</sup> Mas Nietzsche já conhecia desde a universidade o tratado de Bernays; cf. Bárbara von Reibnitz, 1990, p. 112. Sobre Nietzsche e a tradição dos estudos sobre a catarse, cf. também K. Gründer,

Mas Bernays já tinha sido de fato o primeiro a questionar a fidedignidade da tradução e da interpretação de Lessing acerca da decisiva passagem sobre a catarse trágica na *Poética* de Aristóteles. E na já mencionada obra sobre *As características fundamentais do tratado perdido de Aristóteles sobre o efeito da tragédia*, ele comentara as passagens centrais da *Dramaturgia de Hamburgo*, da seguinte maneira:

deve-se afirmar que para Aristóteles tal “transformação das paixões” em “prática virtuosa” é a característica essencial da tragédia [...] então, para ele, a tragédia também é essencialmente uma cerimônia moral; sim, segundo a pesquisa de Lessing acerca de todos os níveis, maiores ou menores, da compaixão e do medo, a tragédia deveria ser chamada de uma casa de correção moral e deveria estar a serviço do procedimento para a melhoria salutar de toda mudança indevida da compaixão e do medo (BERNAYS, 1859, p. 136).

Contudo, Bernays contrapôs a uma compreensão moralista da tragédia uma interpretação da catarse como “metáfora médica” – partindo de uma passagem da *Política*, de Aristóteles: o termo grego é traduzido não como “purificação” (*Reinigung*), mas como “descarga aliviante” (*erleichternder Entladung*) (BERNAYS, 1859, p. 148), no sentido de um “aumento ou alívio” das “afecções do ânimo” (BERNAYS, 1859, p. 142). Isso tudo significa não apenas que Bernays defendia as teses antimoralistas do *Complemento à Poética de Aristóteles*, de Goethe,<sup>5</sup> mas que interpretava a tragédia como gênero dramático, que se fundamentava em uma experiência “extática” de um entusiasmo sem objeto, aproximada das cerimônias orgiásticas do culto báquico. Com isso, a tragédia significava para Bernays um

---

“Jacob Bernays und der Streit um Katharsis” in *Epirrhosis. Festgabe für Carl Schmidt*, Berlim 1968. Bd. 2, p. 495-528.

<sup>5</sup> Bárbara von Reibnitz, 1990, p. 187-188. J. W. Goethe, “Nachlese zu Aristoteles` Poetik” in *Werke – Hamburger Ausgabe*, Bd. 12: “Schriften zur Kunst und Literatur”, 1982-2008. p. 342-345. Tradução brasileira: “Comentário à poética de Aristóteles” in J. W. Goethe, *Escritos sobre Literatura*. Seleção e Tradução de Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997, p. 15-22. Tanto Bernays como também Wartenburg parecem desenvolver a idéia, que já se encontram no texto de Goethe. Isso se justifica pela referência de Bernays a já comentada passagem sobre o efeito da música no terceiro livro da *Política* e pela escolha de Wartenburg do *Édipo em Colono* como o maior exemplo da catarse trágica. Ver a respeito, Goethe: “Mais tarde reparamos que os gregos usam suas trilogias para este objetivo, pois não há nenhuma catarse mais elevada do que o *Édipo em Colono*...” (GOETHE, 1997, p. 343, p. 18).

gênero poético [...] que, ao mesmo tempo, mantinha e enobrecia o êxtase báquico originário nos estados sociais intermediários alterados, na medida em que eles substituem o lugar do delírio entusiasmado sem objeto, por uma representação do destino do homem e do mundo ligada a uma excitação, no êxtase, de afetos humanos universais (BERNAYS, 1859, p. 179).

É desnecessário referir-se às consequências extremamente ricas que traz consigo uma interpretação da catarse como terapia das paixões por meio da representação do destino humano em sua ligação com o destino do todo. Ao contrário, deve-se destacar que ela ocupa na obra de Yorck von Wartenburg, seguidor de Bernays, um lugar importante: por um lado, porque sua dissertação sobre o *Édipo em Colono* confirma, pela primeira vez – em aberta oposição à boa parte da filologia acadêmica alemã –, a perspectiva de Bernays; por outro lado, porque Wartenburg tenta desenvolver a interpretação “patológica” da catarse por meio de um método histórico-genealógico, que Nietzsche utilizará depois, no *Nascimento da tragédia*.

Esse método foi descrito pela primeira vez da seguinte maneira:

pode-se mostrar, como se tentou até o momento, partindo do conceito de catarse, mesmo em uma tragédia grega, qual tentativa pela falta de concordância acerca da natureza da catarse, traz em si a imperfeição do resultado, ou se pode remeter o conhecimento imediatamente alcançado da natureza da tragédia antiga à articulação-chave da definição aristotélica. Assim, a própria musa trágica descobre o enigma, com o qual o filósofo grego encobriu, para nós, sua natureza (WARTENBURG, 1866, p. 18).

A partir desse ponto de vista se consegue, conforme Wartenburg, não apenas descobrir o caráter real da tragédia, mas também se evita os equívocos, que tratam “tanto a tragédia grega como a moderna, como um fenômeno, no qual a vida é tão distante, tal como os resultados da nossa literatura dramática” (WARTENBURG, 1866, p. 19). Ao contrário, especifica Wartenburg,

dever-se-ia conservar a clara diferença de uma visão de mundo imediatamente desenvolva, entre o teatro grego e o palco moderno. A antiga tragédia parece pertencer à própria vida, parece ser um elemento necessário da vida, enquanto o espetáculo moderno pressupõe um ornamento arbitrário, um estado caracterizado por um artificialismo estético (WARTENBURG, 1866, p. 19).

O leitor raramente se dá conta das analogias entre essas posições e a interpretação de Nietzsche acerca do desenvolvimento das obras de arte na moderna civilização, que ele expõe no capítulo 19 do *Nascimento da tragédia*, bem como do da segunda e rigorosa hipótese metodológica de Wartenburg:

O método, correto e diferente, de observação que conduz à compreensão da tragédia grega é o seguinte:

É fato conhecido que a tragédia grega se desenvolveu a partir das cerimônias em honra a Dioniso. Mas, este fato repousa como um capítulo morto, embora possa fornecer uma solução para a natureza da criação trágica (WARTENBURG, 1866, p. 21).

Partindo dessa observação – que Bernays tratou apenas secundariamente –, Wartenburg esboça uma curta história da religião dionisiaca, que lembra, em muitos aspectos, a de Nietzsche em sua obra sobre o trágico. Naturalmente que as categorias de interpretação são outras: enquanto Yorck von Wartenburg descreve o desenvolvimento do espírito grego como a progressiva tensão entre consciência de si e consciência do divino, Nietzsche fala da superação da religião titânica e do pessimismo dos tempos arcaicos. As hipóteses de Wartenburg são introduzidas em boa parte no *Nascimento da tragédia*. Isso é válido, por exemplo, para a posição aberta pela reconstrução histórico-religiosa na dissertação sobre *Edipo em Colono*: “na religião, em especial naquela cujas fases foram descritas por meio do culto dionisiaco, esperamos encontrar a explicação para a natureza da tragédia grega” (WARTENBURG, 1866, p. 21).

De fato, é flagrante a afinidade entre a concepção de Wartenburg acerca do “pessimismo religioso” com a tese de Nietzsche, e a concordância chega até a seguinte e decisiva formulação:

assim a luta trágica aumenta no interior da consciência, entre o deus e o homem. A liberdade luta contra a coação divina diminuída, o sofrimento terrível enche a alma, para sentir a divindade como inimiga em seu próprio ser. Para tal sofrimento a morte aparece como único socorro e da boca dos sábios e dos poetas ressoa a canção terrivelmente trágica: jamais ter nascido, eis a maior felicidade, mas a segunda é que o vivente possa fugir correndo daquilo que o gerou. – Este é o estado da consciência

---

de si, quando o poder divino aparece na forma do destino (WARTENBURG, 1866, p. 21).

Diante da manifestação divina como destino adverso – assim diz Wartenburg na sua dissertação –, restava ao homem grego apenas o retorno ritual ao seio originário da natureza:

apenas na liquidação da consciência de si, retornando ao seio da natureza todo-poderosa, de onde brotou, o homem encontra o remédio [...] Em suas vagas, o sol do conhecimento declina e as velhas lendas se cumprem, Zeus é estraçalhado pelos Titãs. Este é o significado e a necessidade do culto a Dioniso (WARTENBURG, 1866, p. 22).

O culto dionisíaco representa então o abandono no êxtase, de um indivíduo castigado por um profundo mal-estar existencial. A questão acerca de uma possível influência de Schopenhauer permanece em aberto. Mas, na medida em que Wartenburg descreve a natureza do culto dionisíaco, ele fortalece, sem dúvida, as teses de Bernays. Este apontara que a catarse trágica, em sua função curativa, consiste no abrandamento da dor por meio da introdução de um prazer rejuvenescedor e regenerador, e assim Wartenburg retoma as origens da ligação catártica entre dor e alegria como polos que contraditoriamente se reforçam e se excluem. No culto báquico, “dores despertam prazer, o terror alegria, o prazer tem algo compulsivamente doloroso. O êxtase é o conhecimento elevado da dor e do prazer” (WARTENBURG, 1866, p. 22), e no próprio êxtase, os sentimentos, que são provocados pelo afundar-se no êxtase, nas vagas da natureza, são dissolvidos. “Assim, por meio da excitação do sofrimento e do terror acontece uma purificação desses afetos e o homem grego é mesmo que provisoriamente salvo [...] dos sofrimentos infligidos pelo deus” (WARTENBURG, 1866, p. 22). Wartenburg, com isso, retorna à tradução de Bernays da passagem mais controversa da *Poética* de Aristóteles<sup>6</sup> e representa, graças à investigação do culto dionisíaco, uma ligação natural entre catarse religiosa e trágica. O culto dionisíaco “é o chão, do qual brota a planta milagrosa da tragédia antiga”, porque a tragédia nada mais seria do que “o próprio culto báquico

---

<sup>6</sup> “A tragédia provoca por meio [da excitação da] compaixão e do medo a descarga aliviadora de tais (compassivos e amedrontadores) afecções do ânimo”. Cf. BERNAYS, J. *Die Grundzüge der verlorene Abhandlung de Aristoteles über Wirkung der Tragödie*. Breslau, 1857. p. 148.



transfigurado, potência elevada do culto dionisíaco” (WARTENBURG, 1866, p. 22).

No *Nascimento da tragédia*, Nietzsche segue exatamente o esquema de desenvolvimento proposto por Wartenburg, tanto quanto algumas de suas ideias acerca da estrutura da representação trágica. Uma parte considerável das considerações de Nietzsche sobre o “consolo metafísico” tem como predecessor a dissertação sobre o Édipo. Wartenburg faz uma diferença entre representação trágica e culto dionisíaco, observando o seguinte: “mas, se a catarse trágica tem em comum com o momento originariamente báquico, a dissolução dos laços da consciência, então ela não participa, com ele, a existência de pessoas com caráter pernicioso” (WARTENBURG, 1866, p. 23).

Nesse caso, a tragédia provoca no espectador uma completa mudança na consciência – o que Nietzsche, como se sabe, expõe no capítulo 7 do *Nascimento da Tragédia*, da seguinte maneira: “o êxtase [Verzückung] do estado dionisíaco com sua aniquilação das usuais barreiras e limites da existência, contém, enquanto dura, um elemento *letárgico* no qual imerge toda vivência pessoal do passado” (NT, 7; KSA 1, p. 56; trad. bras. p. 55).

O elemento letárgico é, segundo Wartenburg, aquilo que diferencia a reconfortante pulsação da consciência de seu apagamento, de todo modo existente.

Mas, com o êxtase [Ekstase], o prazer que lhe é essencial também experimenta uma modificação. Como o êxtase trágico não elimina completamente a consciência, mas como que apenas a adormece, então o prazer que o acompanha não é o delírio sem sensações da orgia báquica, mas sim que por meio dele, mesmo se também como um momento fugidio, a consciência é mantida, surgindo então um deleite arrepiante provocado pela oscilação da alma entre os pólos do se manter e do se perder, sob o qual se completa o abandono do indivíduo ao todo da natureza (WARTENBURG, 1866, p. 23).

A analogia entre a compreensão trágica da catarse em Yorck von Wartenburg e Nietzsche parece evidente. De todo modo, a perspectiva segundo a qual na tragédia a consciência do indivíduo oscila entre aqui e ali, esquecer e lembrar, lembra a de Nietzsche, para quem a contemplação da verdade dionisíaca – no espectador trágico em quem a consciência retorna – provoca, conseqüentemente, o horror diante da miséria do cotidiano (NT 7; KSA 1, p. 56). Do mesmo modo, observa Wartenburg: “a tragédia

grega provoca um sono despreocupado na consciência cansada que vai até a morte, do qual o homem desperta fortalecido diante dos sofrimentos e da fadiga do cotidiano” (WARTENBURG, 1866, p. 23).

Tanto para Nietzsche como para Wartenburg – e mais cedo ainda para Bernays –, a tragédia é a exposição imagética das relações do homem com o todo, o que corresponde à expressão dionisíaca do dilaceramento individual entre o anseio (em Wartenburg, a “melancolia”) pelo retorno ao colo materno da natureza e a dor, para além de sua perda, acoplada com o sofrimento das imposições do cotidiano.

## Considerações finais

Os rastros da leitura de Wartenburg se encontram, como foi mostrado, tanto na primeira quanto na segunda parte do *Nascimento da tragédia* e tocam até mesmo o cerne da natureza musical-dionisíaca específica do trágico (WARTENBURG, 1866, p. 24). Os rastros de Bernays, ao contrário, serão visíveis em uma conhecida passagem do capítulo 22, onde Nietzsche expressamente se refere à tradução, por Bernays, do termo “catarse”:

aquela descarga patológica, a catharsis de Aristóteles, que os filólogos não sabem se devem computar entre os fenômenos médicos ou morais, lembra um notável pressentimento de Goethe: “Sem um vivo interesse patológico”, disse ele, “jamais consegui tampouco tratar de uma situação trágica, preferindo por isso evitá-la a ir procurá-la”. Não terá sido talvez uma das vantagens dos Antigos, que, entre eles, o mais alto grau do patético também fosse apenas um jogo estético, enquanto, entre nós, a verdade natural precisa cooperar a fim de produzir uma tal obra? (NT, 22; KSA 1, S. 142; trad. bras., p. 132).<sup>7</sup>

Mas o que significa, então, para nossa leitura do *Nascimento da tragédia*, reiterar seu pertencimento a essa tradição claramente reconhecível e identificável?

Primeiro, porque parece aflorar um Nietzsche que está muito mais próximo das tendências inovadoras da filologia que lhe era contemporânea

<sup>7</sup> Para a citação de Goethe, cf. Carta de Goethe a Schiller, de 9 de dezembro de 1797 in: *Der Briefwechsel zwischen Schiller und Goethe*, hg. V. S. Seidel, München, 1985, v. 1, p. 451.

do que até aqui se pensou.<sup>8</sup> Colocar *O Nascimento da tragédia* no campo do debate sobre a catarse aberto por Bernays e a influência perceptível da dissertação de Yorck von Wartenburg permite, além disso, formular a hipótese de que os impactos de Schopenhauer e Wagner, com os quais Nietzsche ocultou a estrutura filológica fundamental do texto, devem ser entendidos como “contaminações” de teses organizadas cientificamente e que em parte, também dão continuidade às indicações já expostas por Wartenburg.<sup>9</sup> A libertação da Antiguidade da musealização, para onde ela fora condenada pela filologia acadêmica, é talvez para Nietzsche sobretudo um ato filológico.

Além disso, a revisão feita por Nietzsche da herança cultural do classicismo alemão, que ele assume no *Nascimento da tragédia*, segue esses rastros que os estudos de Jacob Bernays e Paul Graf Yorck von Wartenburg anteciparam. A superação da estética trágica de Lessing e a prioridade que a concepção de Goethe deu aos antigos encontram a sua correspondência exata nos estudos sobre a catarse. Ainda antes de Nietzsche termina, com Bernays e Wartenburg, a dominação de uma interpretação moralista da tragédia. A antiguidade clássica ganha um novo rosto por meio da problematização feita por Goethe deste fundamento patológico específico, que se manifesta na estética trágica. E, a partir dessa perspectiva, *O nascimento da tragédia* pode também ser lido como o ponto culminante de um processo, que teve seu começo com a interpretação da catarse feita em Weimar, por Goethe.

## Referências

CRESCENZI, L. Nietzsche, August Wilhelm Schlegel und die Spuren Lessings. Die Exzerpte aus den Vorlesungen über dramatische Kunst und Literatur. *Nietzsche-Studien*, n. 20, p. 385-392, 1991.

---

<sup>8</sup> A maior contribuição sobre esta questão está no comentário já mencionado de Bárbara von Reibnitz (cf. nota 1).

<sup>9</sup> Nesse caso, seria preciso dizer, que a diferença significativa na compreensão do trágico em Schopenhauer e em Nietzsche é uma diferença muito próxima daquela que surge de uma comparação da dissertação de Wartenburg sobre *Édipo em Colono*, com o capítulo 37 dos *Suplementos ao mundo como vontade e representação*. Isso se justifica, em especial, pela preferência pela tragédia antiga em relação à moderna e pela superação da compreensão schopenhaueriana da resignação como ponto culminante da estética trágica.

GOETHE, J. W. **Escritos sobre literatura**. Seleção e Tradução de Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

GRÜNDER, K. Jacob Bernays und der Streit um Katharsis. **Epirrhosis. Festgabe für Carl Schmidt**, Berlin, Bd. 2, p. 495-528, 1968.

REIBNITZ, B. von. **Ein Kommentar zu Friedrich Nietzsche 'Die Geburt der Tragödie aus dem Geist der Musik' (Kap. 1 – 12)**. Stuttgart: Meltzer, 1992.

WARTENBURG, P. G. von. **Die Katharsis des Aristoteles und der Oedipus Coloneus des Sophokles**. Berlin: W. Hertz, 1866.

WILLAMOWITZ-MÖLLENDORF, U. von. *Zukunftsphilologie!* (1872). *Filologia do futuro!* In: MACHADO, R. (Org). **Nietzsche e a polêmica sobre O Nascimento da Tragédia**. Tradução e notas de Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 55-78.

Recebido: 11/05/2011

*Received:* 05/11/2011

Aprovado: 01/06/2011

*Approved:* 06/01/2011